

Leonardo Boff*

As lutas antissistêmicas e seus vários passos

Alguns tens afirmado que é mais provável a vinda do fim do mundo do que o fim do capitalismo. Essa afirmação, por irônica que seja, revela o gênio do capitalismo. Ele se instalou a partir do Ocidente e se impôs a todo mundo, até à própria China. Seu escopo é a acumulação ilimitada na pressuposição falsa de que os recursos da Terra sejam também ilimitados. Nada mais enganoso e mentiroso, como o denuncia a encíclica Laudato Si (n.106), pois a ciência demonstrou a Sobrecarga (Overshoot) da Terra cujos bens e serviços não renováveis e substanciais para a manutenção da vida estão se esgotando. Precisamos anualmente para atender à voracidade desmedida dos países opulentos de 1,7 Terra. Até quando a Terra suportará este saque sistemático não sabemos, mas ela já nos deu sinais de que está chegando aos seus limites, enviando-nos como os eventos extremos, o Covid-19, o aquecimento global e a profusão de vírus e bactérias.

O tramático é que não entrevemos um projeto de habitação da Terra à vista que poderia ser uma alternativa salvadora. Tudo indica que a seguir a dinâmica do capital com a utilização de todos os meios virtuais, especialmente a IA, conheceremos desastres ecológico-sociais um mais grave que o outro.

Um pouco antes de morrer em 5 de junho de 2017 em Quito, François Houtart, entranhável amigo e conhecido sociólogo belga, conhecedor profundo da América Latina, deixou escrito um artigo inspirador do qual tomamos alguns pontos, pois são muito atuais. O título era: “O conteúdo das lutas antissistêmicas”. Para ele era claro que a luta não é apenas contra o neoliberalismo mas contra o sistema do capital. Fino marxista e teólogo católico legou-nos uma obra vasta que merece ser resgatada.

Em primeiro lugar urge deslegitimar

o capitalismo como o verdadeiro câncer da Terra que consome tudo o que pode, através de radical competição, em vista do enriquecimento, o saque da natureza e a exploração da força dos trabalhadores. Isso significa, nas palavras de Houtart, lutar conta as novas fronteiras de acumulação: a agricultura camponesa, a ser transformada numa agricultura produtivista capitalista; a privatização dos serviços públicos; lucrar com as catástrofes naturais ou políticas. Esta deslegitimação deve ser antes econômica que ética.

Em segundo lugar forjar os passos das lutas antissistêmicas

O primeiro passo é formar a consciência da perversidade humana e ecológica do sistema do capital que vai além da dominação econômica e política; ele afeta a cultura e penetra no mais profundo das mentalidades. Não lhe interessam gestar cidadãos críticos mas simples consumidores e espectadores passivos da história.

O fundamental é a articulação de todos os movimentos populares e parte de grupos políticos progressistas. Todos têm o mesmo adversário, enfatiza Houtart: o capital globalizado especialmente o especulativo (que é a grande parte do capital) que nada produz a não ser mais dinheiro. Cada grupo mantém sua identidade mas se articula e une contra o adversário comum. Importante, para somar forças, é articular-se com movimentos antissistêmicos do campo político. A luta deve se dar no local, na região e em nível nacional como foi reforçada pelos fóros sociais mundiais. Dentro do grupo pensar um projeto de sociedade alternativo, ecodemocrático, popular, inclusivo de todos e começar a vivê-lo nos grupos como já se faz em tantos lugares. É uma semente. Mas é semente fecunda de uma nova sociedade.

Em terceiro lugar os eixos de um post capitalismo ou de um ecosocialismo do século XXI

Não se trata de impor uma doutrina a partir de cima, nem de falar de uma só alternativa. Trata-se de recolher o vivido, reconciliar teoria e prática num esforço coletivo em busca de uma utopia prática, valorizando as utopias mínimas, dos pequenos passos porque o povo não morre ou sofre amanhã, senão hoje.

Os quatro eixos do projeto antissistêmico e emancipatório:

O primeiro, a utilização sustentável dos bens e serviços naturais que exige não a exploração mas a simbiose com a natureza.

O segundo privilegiar o valor de uso sobre o valor de troca. O capitalismo fez de tudo objeto de troca em vista do ganho.

O terceiro eixo consiste em estabelecer uma democracia generalizada em todos os âmbitos além do político que se entende como um ecosocialismo democrático. O poder não é centralizado mas participativo e circular.

Quarto eixo construir a multiculturalidade, quer dizer, dentro da Casa Comum, todas as filosofias, religiões e valores culturais contribuem para criar uma nova sociedade do bem viver e conviver. A cultura do capitalismo com seu modelo de crescimento ilimitado não ajuda em nada nesta construção.

Tudo o que escrevemos é seminal. Mas tem a potência da semente que dentro de si guarda as raízes, o tronco, as folhas, as flores e os frutos, numa palavra, o futuro possível. Há que se viver o esperar de Paulo Freire e recordar o oratório que um israelita compôs por ocasião do assassinato do Bispo Arnulfo Romero: “a esperança não se mata”.

*Teólogo

EDITORIAL

Crônica incapacidade de controlar gastos

Uma crônica incapacidade de lidar com o controle de gastos, que se expande de forma irracional, enquanto a dívida pública apresenta elevação vertiginosa, ao ‘arrepio’ da já desproporcional carga tributária.

O diagnóstico adverso da gestão fiscal federal é formulado pelo consultor tributário e ex-secretário da Receita Federal, Everardo Maciel, ao classificar de ‘compulsão’ a voracidade palaciana por aumento de tributos, a exemplo da instituição, a fórceps, do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras), que coloca em xeque o equilíbrio entre os poderes.

Em sua apreciação ‘cirúrgica’ do trato monolítico das contas públicas, Maciel comenta que “não raro, entretanto, surgem propostas para reduzir benefícios fiscais, como alternativa ao controle de gastos. Preferencialmente mediante cortes lineares, o que consiste em abdicar de escolhas, que permitam afastar o impossível e o irrazoável. Esse caminho tem, todavia, baixa eficácia”.

Avançando no campo da insegurança jurídica das ações do Executivo, o ex-secretário observa que o “universo conceitual das desonerações fiscais

é extenso e impreciso: isenções, imunidades, incentivos, benefícios fiscais, gastos tributários, renúncias fiscais, anistias, remissões, em que apenas alguns desses conceitos estão disciplinados na legislação”. Ele prossegue, avaliando que “essa deficiência é agravada pela falta de sistematização dos conceitos. Talvez seja essa a razão para a enorme discrepância entre as estimativas de desonerações feitas pelo Fisco e as declaradas pelos beneficiários, em um universo de desonerações mal definido”.

O consultor tributário acentua que “há, também, dificuldades que decorrem da natureza da desoneração. Micro e pequenas empresas, entidades filantrópicas e a Zona Franca de Manaus, que representam a mais expressiva parcela das desonerações contabilizadas, têm tratamento tributário diferenciado em virtude de previsões constitucionais. Independentemente de qualquer juízo de valor, excluí-las só é possível mediante alterações constitucionais, politicamente inviáveis, ou restrições na legislação infraconstitucional. Jamais mediante cortes lineares. É preciso alertar, porém, que se trata de matéria muito controversa”.

O Superman que o mundo precisava

A grande estreia da semana é o novo filme do ‘Superman’. Dando pontapé inicial no novo Universo DC, o filme do herói representa muito mais que um recomeço para o personagem nas telonas. Na verdade, ele é o primeiro símbolo real de esperança de toda uma geração.

Na última década, a DC sofreu com um apego extremamente incômodo ao ‘sombrio e realista’ que Christopher Nolan implementou com maestria na trilogia ‘Cavaleiro das Trevas’. No entanto, os executivos entenderam que essa visão deveria se aplicar a todo o Universo DC nos cinemas, e isso simplesmente não funciona com todo mundo.

E o personagem que mais sofreu com essa visão foi justamente o Superman. Símbolo máximo de esperança e otimismo, o Azulão trouxe sorrisos para os rostos de crianças e adultos por décadas. Tanto

que a marca registrada do herói imortalizado por Christopher Reeve era o sorriso brilhante, que confortava as pessoas enquanto as salvava dos perigos.

Sob a visão de Zack Snyder, o Superman de Henry Cavill se tornou um personagem trágico, um herói relutante que desistia de salvar as pessoas e assassinava seus inimigos a sangue frio. E essa construção deturpada de personagem virou sinônimo do que o Superman é para toda uma geração. Crianças cresceram com um Super-Homem homicida e triste.

No filme de James Gunn, visionário diretor da franquia ‘Guardiões da Galáxia’, o ator David Corenswet dá vida ao mais otimista e bondoso Superman dos cinemas desde Reeve. Ele não desiste porque sabe que o bem está dentro de todos. É exatamente o tipo de herói que o sarcástico mundo atual precisava com urgência.

Opinião do leitor

Palavras

É preciso que autoridades tenham cuidado com as palavras. Palavras escritas ficam. As faladas, voam. Algumas vezes, as palavras escritas voltam-se contra seus autores.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

*Professor de direito constitucional

William Douglas*

Coerência e Constitucionalidade: o que falta à política externa do Brasil

A política externa do governo Lula tem se afastado não apenas da diplomacia responsável, mas também dos princípios constitucionais que devem guiá-la. O que se observa é uma prática reiterada de dois pesos e duas medidas, em que aliados ideológicos recebem silêncio ou complacência — mesmo quando promovem violações gravíssimas de direitos humanos ou pregam o extermínio de um povo inteiro —, enquanto adversários políticos são alvo de denúncias públicas e condenações retóricas. As condenações que não são feitas falam tanto quanto — ou até mais do que — as que são feitas.

O silêncio diante do Irã, por exemplo, revela mais do que uma omissão: revela alinhamento. A seletividade no uso da palavra “genocídio” — aplicada com contundência contra Israel, mas jamais contra regimes autoritários que o declaram como alvo — fere a coerência, compromete a credibilidade internacional do Brasil e reduz nossa atuação global a um jogo de conveniências ideológicas. Isso não é diplomacia. Isso é militância disfarçada de política externa.

Eu consigo entender que o presidente Lula considere o que ocorre em Gaza um genocídio. Essa é uma leitura possível, embora controversa. Mas o que me espanta é o silêncio absoluto diante do Irã — país a quem ele presta homenagens e apoios reiterados —, que declara abertamente seu desejo de cometer genocídio contra Israel. Se é legítimo criticar Israel com base na acusação de genocídio, por que Lula não condena um país que afirma abertamente querer exterminar outro? Qual a razão desse silêncio?

Eu também consigo entender que Lula

defenda a criação de um Estado Palestino e que insista na solução dos dois Estados. Essa proposta tem respaldo internacional e representa uma saída viável para o conflito. O que não entendo é por que ele jamais menciona que o Irã é abertamente contra a existência de dois Estados. E mais: o Irã é justamente o país que mais apoia e financia grupos terroristas que sabotam qualquer possibilidade de convivência pacífica entre os povos. Criticar Netanyahu por rejeitar a solução de dois Estados é legítimo — mas por que não aplicar o mesmo critério ao Irã?

Eu consigo entender que Lula defenda os direitos das mulheres e das crianças. Mas não consigo compreender seu silêncio diante da opressão brutal contra mulheres no Irã, presas, torturadas e até mortas por não usarem o hijab.

Entendo quando Lula exige que líderes estrangeiros, como Donald Trump, não se envolvam em assuntos internos do Brasil. Mas não entendo como o mesmo Lula faz campanha pública em favor de Cristina Kirchner, condenada por corrupção na Argentina, violando o princípio de não intervenção que ele mesmo invoca.

Compreendo sua oposição à presença militar de Israel na Cisjordânia. Mas por que, então, o mesmo silêncio diante da ocupação ilegal e violenta da Ucrânia pela Rússia?

Também não compreendo por que Lula menciona com tanta frequência o termo “genocídio”, mas ignora sistematicamente os reféns israelenses em poder do Hamas. E por que ele não condena com a mesma régua os mísseis lançados contra Israel?

A persistência desse padrão, mais do que levantar dúvidas, revela claramente a falta de isenção e equilíbrio do posicionamento brasileiro no cenário internacional.

É evidente que o presidente busca protagonismo internacional e almeja uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU. No entanto, seu duplo padrão, seu alinhamento sistemático com ditaduras e sua seletividade moral não apenas desacreditam essa ambição, como enfraquecem o prestígio internacional do Brasil — como apontou recentemente a revista The Economist.

Mais grave ainda: essa conduta contradiz os princípios constitucionais da política externa brasileira, expressos no art. 4º da Constituição, que exige a defesa dos direitos humanos, da paz, da autodeterminação dos povos e o combate ao terrorismo. Também viola o art. 19, inciso III, que veda tratar brasileiros com preferências entre si.

O que não sabemos é se essa conduta reflete apenas uma militância ideológica — o que já seria inadequado — ou se também funciona como distração, uma tentativa deliberada de desviar o debate dos graves problemas internos que afligem o país. Seja qual for a motivação, nenhuma delas justifica o descumprimento dos princípios constitucionais que devem reger a política externa brasileira.

A lamentável conclusão da análise seca e serena das manifestações e alinhamentos da política externa brasileira é: contra Israel, tudo. Contra as ditaduras, nada. O mundo observa. E os brasileiros também.

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: SEBASTIÃO LEME RECEBE TÍTULO DE SANTO ALEXIO

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de julho de 1930 foram: Aviador Mermoz interrompe trajetória entre Natal e

Costa Africana, por problema no óleo do motor, a 800 quilômetros de Dakar. Morre o cardeal Vanutelli, o mais antigo membro do sacro co-

légio. Buenos Aires comemora com estilo a independência argentina e leva multidão para as ruas. Sebastião Leme recebe título de Santo Aleixo

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES LEVA MULTIDÃO ÀS RUAS GAÚCHAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de julho de 1950 foram: Eduardo Gomes leva uma multidão para as ruas de Por-

to Alegre, com os gaúchos gritando “Brigadeiro!” sem parar. Ele está confirmado na convenção estadual da UDN em Curitiba. Forças nor-

te-americanas aumentam a ofensiva contra os norte-coreanos. Pacto do Atlântico criará comissão para força policial na Alemanha Ocidental.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.